

33º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

GT:17 EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

Jovens Pobres em Contexto Urbano: entre a Escola e o trabalho?

Maria Josefina Gabriel Sant'Anna. PPCIS/UERJ/

André Ricardo Salata. PPGSA/UFRJ

Introdução

Estudiosos da cidade vêm destacando a importância do território na análise dos fenômenos de diversas ordens que caracterizam as metrópoles contemporâneas. Essa abordagem tem sido utilizada, em especial, para pensar a influência do território na reprodução das desigualdades sociais. Significa dizer que o território, expresso na vizinhança ou bairro, é entendido como instância capaz, entre outras, de gerar e reproduzir desigualdades sociais¹.

Essa linha de reflexão começa a ser incorporada também pelos pesquisadores da educação no estudo das oportunidades educacionais, ao indagar de que modo os fatores relacionados à organização social do território poderiam afetar, por exemplo, as trajetórias escolares. Configura-se, assim, uma argumentação que discute a relação entre cidade e escola² e, em particular, a relação entre o território e a geração de desigualdades educacionais.

Cidade e escola, portanto, tornam-se objetos de pesquisa convergentes na presente discussão.

Nesta direção, o presente trabalho busca investigar a influência do local de moradia - efeito vizinhança - sobre as decisões de jovens entre estudar e/ou trabalhar.³ Pretende-se, deste modo, verificar se variáveis ligadas ao local de moradia poderiam explicar, pelo menos em parte, tais decisões. A transição entre escola e mercado de trabalho demarca algumas possibilidades para os jovens, com distintas combinações: estudar, trabalhar, exercer ambas

¹ Os autores vêm trabalhando nessa abordagem no interior do Observatório das Metrópoles: uma rede de instituições de pesquisa, formação e extensão universitária. É coordenado pelo professor Luiz César de Queiroz Ribeiro, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Reúne equipes de pesquisadores que investigam as tendências e das transformações das metrópoles brasileiras, geradas pelos efeitos das mudanças econômicas, sociais, institucionais e tecnológicas por que passa o país nos últimos 20 anos, em diversas metrópoles, nomeadamente, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia, Recife, Salvador, Natal, Fortaleza, Belém e na aglomeração urbana de Maringá. Observatório

² Com esse objetivo foi criado o "Observatório da Educação nas Cidades" em proposta de colaboração do Departamento de Educação/Laboratório de Avaliação da Educação (LAEd/ PUC-Rio) e do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional/ Coordenação do Observatório das Metrópoles (UFRJ), em março de 2006.

³ Este é o tema da dissertação de mestrado, em elaboração, de André Ricardo Salata, do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio De Janeiro /UFRJ, sob orientação de Maria Celi Ramos da Cruz Scalon.

as atividades ou nenhuma delas (Corseuil et al,2000). Interessa entender, portanto, o quanto o local de moradia influenciaria tais escolhas⁴.

Argumentos Teóricos e Empíricos

Trabalhos anteriores realizados no Brasil (Corseuil, Santos, e Foguel, 2000; Leme e Wajnman, 2000; Dauster 1992; Fonseca, 1994; Madeira, 1986; Spósito, 1992; 1994) mostram que fatores ligados a características dos indivíduos, como cor e sexo, e à origem social familiar como, por exemplo, a renda familiar per capita, e principalmente a escolaridade dos pais, são em alguma medida responsáveis por variações em relação à escolha dos jovens entre trabalhar e/ou estudar (ou abandonar a escola). Os objetivos do presente estudo caminham no sentido de ampliar estas análises e incorporar a dimensão do território na abordagem das relações entre efeito vizinhança e escola.

Por que os jovens mais pobres deixariam a escola para trabalhar, ou tentariam conciliar escola e trabalho, ou ainda não estudariam nem trabalhariam? Que fatores afastariam os jovens da escola e/ou os atrairia para o mercado de trabalho? A questão do valor dado à educação pelos jovens pode estar relacionada a essa resposta. Sabe-se que as propensões a investir no mercado escolar e adiar a entrada no mercado de trabalho não são iguais para todos. A literatura internacional (Willis,1977), (Boudon,1981), (Bourdieu,1971, 1974) há muito tempo já indicava que o processo de socialização familiar, ou a posição relativa das famílias na estrutura social, para além das necessidades materiais, seriam responsáveis pela valorização da escola pelos jovens, e também por sua propensão a nela investir.

A literatura no Brasil, em especial a que trabalha com uma ótica mais qualitativa, propõe como resposta diferentes possibilidades. Alguns pesquisadores apontam a pobreza do núcleo familiar como a motivação de maior peso. Lachtim e Soares (2009) ao pesquisarem jovens de um município na periferia RMSP afirmam:

[...] Marcadas pelo trabalho precário e por ocupações de baixa renda, as famílias viram-se obrigadas a ter mais membros trabalhando. Portanto, nesta pesquisa, o principal motivo de

⁴ Utiliza-se este termo, “escolha”, não em seu sentido neutro e racional da adequação de meios a fins, mas sim, como uma decisão influenciada por diversos fatores, objetivos e subjetivos.

ingresso dos jovens no mercado de trabalho foi a necessidade de colaborar com a renda familiar, intrinsecamente relacionada à dificuldade de reprodução social de suas famílias, não sendo reconhecidas como necessidades relativas à sociabilidade. (Lachtim e Soares, 2009)

Trata-se de um universo de extrema pobreza em que os jovens trabalham em situações muito precárias, com muito esforço físico, criando, inclusive, obstáculos para o desenvolvimento de atividades escolares (Lachtim e Soares, 2009).

Afora esse estudo particular, cujos resultados as autoras não pretendem generalizar, a maior parte dos estudiosos sustenta que, para além das necessidades econômicas, outros fatores pesam sobre a decisão dos jovens de abandonar a escola e/ou entrar no mercado de trabalho. A perspectiva de que crianças, adolescentes ou jovens deixem os estudos, e/ou comecem a trabalhar, em virtude puramente da pressão exercida pela insuficiente remuneração dos adultos da família é criticada pela maioria dos trabalhos.

Alguns autores, como Spósito (1994), sustentam a idéia de que haveria nos dias atuais uma maior atração dos símbolos juvenis – marcas, roupas, músicas e etc -, assim como do próprio mercado de trabalho:

Os elevados índices de pobreza não são a causa única da busca pelo emprego entre jovens. O desejo de maior autonomia, a liberdade para decidir sobre seus hábitos de consumo e estilo de vida, ao lado de uma maior atratividade do mercado de trabalho em grandes centros urbanos, são fatores que oferecem estímulos suficientes para o ingresso em uma fase bem precoce da vida. A renda mensal advinda do trabalho, além do auxílio à manutenção familiar, proporciona possibilidades de um tipo especial de consumo não garantido pela família. Essa propensão para o consumo tende a se acentuar na faixa jovem depois dos 14 anos e resulta na adoção de novas indumentárias, discos ou atividades de lazer. (Spósito,1994)

Ao mesmo tempo, como também argumentam Sansone (2003), e Dubet (2004), haveria certa decepção da geração juvenil atual em relação ao universo escolar. Munidos de uma educação superior a de seus pais, as oportunidades no mercado de trabalho não corresponderiam às expectativas destes jovens, ocasionando um desencontro entre as esperanças construídas pelas famílias em torno do valor da escola e as aspirações juvenis, produzidas em um ambiente não mais colorido pela crença nos benefícios imediatos da

instrução para a ascensão social e melhoria das condições de vida, tão importantes para a geração anterior (Spósito, 1994)⁵.

Lachtim e Soares (2009) afirmam que a descrença e a decepção dos alunos em relação à escola pareceu-lhes ser responsável, em parte, pelo distanciamento dos jovens pobres da possibilidade de aperfeiçoar a educação formal. Aqui também a escola não despertou o interesse dos alunos, nem pelos conteúdos das matérias tradicionais e nem pelos problemas coletivos, atraindo-os quase que exclusivamente pela sociabilidade com os pares.

Madeira (1993) e Dauster (1992) mencionam também a importância do trabalho entre as camadas populares como um valor cultural, e as famílias como transmissoras de uma ideologia do trabalho, sendo este um provedor de *status* na hierarquia familiar. O trabalho estaria no centro dos projetos de vida e das estratégias de socialização e reprodução das camadas mais pobres. Do ponto de vista da família, o fato de um jovem começar a trabalhar e/ou abandonar a escola, seria o efeito das dificuldades econômicas somadas ao valor ético e protetor do trabalho. Já para os jovens, o trabalho representaria, com já indicaram outros autores (alguns já citados), a possibilidade de conquista de um espaço de liberdade, e de consumo, principalmente quanto à definição de seus itens de consumo prioritários numa situação de carência econômica e alta disseminação de símbolos juvenis, como marcas de roupas, tênis, músicas, carros e etc.

Para Fonseca (1994), emerge no Brasil atualmente um projeto de vida no qual outras formas de socialização – emprego e “circulação social” – seriam tão adequadas quanto à escolarização no preparo destes jovens para a vida adulta. Este fato derivaria da instabilidade salarial e da ausência de escolas de qualidade. Na concepção da autora, a vida escolar para as camadas populares não se apresentaria como uma experiência familiar, e por sua vez, a escola não ocuparia um lugar central nas preocupações das pessoas (apesar do prestígio atribuído ao ensino).

⁵ A perda de sentido e a frustração das expectativas quanto à escola e ao mercado de trabalho, favoreceriam a emergência do espaço rua como agência socializadora. Para os jovens de camadas mais pobres, a rua conduziria a novas agregações e forjaria também novas identidades grupais (como as gangues, torcidas de times de futebol, funkeiros, rappers, e etc). Diante do fracasso escolar vivenciado por parte destes jovens, e de um mercado de trabalho que oferece poucas possibilidades, novas identidades estariam sendo construídas a partir do aprendizado “da rua” (Spósito, 1992 e 1994).

A mesma argumentação é trazida por Gomes (1997), ao ponderar que a história familiar de escolarização destes jovens pobres seria muito frágil, sendo percebida – a escola – como tendo pouco impacto sobre a vida das pessoas.

Além destes trabalhos de cunho mais qualitativo, encontramos outros⁶, em menor número, voltados à análise quantitativa.

Leme e Wajnman (2000) buscam avaliar os fatores que aumentariam a probabilidade de o jovem se enquadrar em cada uma das quatro situações possíveis: estudar sem trabalhar, estudar e trabalhar, trabalhar sem estudar, e não estudar nem trabalhar. Eles utilizam dados das PNADs de 1981 até 1998, e através de modelos de regressão estimam o efeito de diversas variáveis independentes sobre as probabilidades dos jovens fazerem cada uma daquelas quatro escolhas. Seus resultados mostram, entre outros, que a educação dos pais aumenta acentuadamente as chances de estudar e não trabalhar, e diminui as demais. A renda familiar per capita afeta positivamente – porém de maneira bem menos acentuada do que a escolaridade dos responsáveis - a probabilidade de estudar, e negativamente a de trabalhar sem estudar e de não ter nenhuma atividade.

Já Corseuil e Santos (2001) fazem um estudo comparativo entre seis países da América Latina (Brasil, Chile, Paraguai, Peru, Honduras, e República Dominicana), sobre os fatores que condicionam a escolha de jovens entre estudar e/ou trabalhar. Para tanto, utilizam dados originários de uma compilação de pesquisas domiciliares referentes a 18 países da América Latina e do Caribe, estruturada pelo Banco Inter-Americano de Desenvolvimento (BID). Através de modelos de regressão logística multinomial, chegam a resultados parecidos com os de Leme e Wajnman (2000). Trazem ainda informações comparativas entre os países estudados, discussão que escapa ao intuito do presente trabalho.

Entre seus resultados, destaca-se, igualmente, a afirmação de que a educação dos pais exerce uma das influências mais fortes sobre a alocação do tempo dos jovens. A maior escolaridade dos pais aumenta a probabilidade de seu filhos só estudarem, e diminui a probabilidade de alocarem seu tempo em outra atividade econômica (exceto no caso do Peru). Ainda segundo os autores, a renda familiar per capita mostrou ter pouca influência sobre a escolha dos jovens (exceto na república Dominicana e no Perú). Quanto maior a

⁶ Estes casos envolvem trabalhos de economistas, urbanistas e etc.

renda domiciliar per capita, um pouco maiores são as chances de estudar e trabalhar, e menores as de só estudar e de não exercer nenhuma das duas outras atividades (Corseuil e Santos, 2001).

Trata-se agora ampliar o escopo dessas pesquisas, como já se disse, incorporando à análise a dimensão do território. Para isso, apresenta-se a discussão acerca da influência do local de moradia (efeito vizinhança) sobre a vida dos moradores.

Efeito Vizinhança

A literatura contemporânea no campo da sociologia urbana vem destacando o papel dos fenômenos da segmentação social e da segregação residencial na reprodução das desigualdades e da pobreza. Vários são os conceitos que buscam dar conta dessa realidade: “efecto vicindário” (Katzman, 2001), “effets du lieu” (Bourdieu, 1997), “effets territoire” (Bidou-Zachariasen, 1996), “neighborhood effects” (Ellen e Turner, 1976). Não é possível identificar um consenso entre os autores acerca da descrição do fenômeno da vizinhança, nem tampouco sobre os mecanismos que o produzem. No entanto, é possível entender o efeito vizinhança como a influência exercida pelas características do local de moradia e de sua população sobre a vida de seus moradores.

Uma das principais questões trazidas pelos estudiosos do tema consiste em identificar os mecanismos por meio dos quais o efeito vizinhança opera, ou seja, como as condições de vizinhança poderiam influenciar os desempenhos e trajetórias individuais. Ellen e Turner (1997) sistematizam seis mecanismos que encontram na literatura: qualidade dos serviços locais; socialização através de adultos, influência dos pares; rede social; exposição ao crime e à violência; distância física e isolamento. Tais mecanismos são identificados também por outros autores em suas resenhas, ainda que com denominações diferentes, como veremos.

A principal referência no estudo de tais mecanismos é o trabalho de Jencks e Mayer (1990), que parece ter se tornado o mais popular nesta discussão, sendo lembrado por inúmeros pesquisadores, como Duncan (1994), Crane (1991), Brooks-Gunn et al (1993), Small e Newman (2001).

Esses autores sistematizam duas linhas distintas de argumentos. A primeira supõe que vizinhos bem-sucedidos encorajariam comportamentos positivos dos mais pobres (e vice

versa). O segundo argumento inverte esta lógica e afirma que a presença de vizinhos bem-sucedidos afeta negativamente o comportamento dos indivíduos mais pobres. Ambas as abordagens apresentam mecanismos explicativos de como se daria essa influência (negativa ou positiva) do bairro ou vizinhança sobre os moradores do local.

Os que defendem a tese de que “bons” vizinhos geram “bons” comportamentos, destacam três diferentes mecanismos: as teorias “epidêmicas”; as teorias da “socialização coletiva”; o “modelo institucional”⁷.

Por sua vez, a tese de que a presença de vizinhos bem-sucedidos afeta negativamente o comportamento dos moradores mais pobres, apresenta igualmente três mecanismos: (i) modelo de “competição entre vizinhos”; (ii) o modelo da “privação relativa”; (iii) o mecanismo do “conflito cultural”⁸

A resenha de Small e Newman (2001), por sua vez, tem o mérito de agregar esses mecanismos em tipos mais gerais, o que viabiliza e facilita a abordagem empírica. Os autores revelam dois caminhos distintos seguidos pelos estudiosos do tema: (i) “mecanismos de socialização bairral”: as características do bairro e, principalmente, o nível sócio-econômico da população local, condicionaria os hábitos, valores e atitudes de seus moradores; (ii) “mecanismos instrumentais”: - exploram a maneira como as ações individuais são limitadas pelas condições do bairro, seja através das limitações das redes sociais locais, da qualidade das instituições presentes no território, ou mesmo da ausência ou distância destas.

A tarefa agora passa a ser explicar como atuam os mecanismos de vizinhança, no caso empírico aqui estudado. É preciso verificar se os mecanismos de vizinhança estariam afetando as decisões de jovens pobres moradores na cidade do Rio de Janeiro, quanto a apenas estudar, apenas trabalhar, exercer ambas as atividades, ou nenhuma delas.

Objeto empírico

⁷ Para uma apreensão mais detalhada de tais modelos, ver Small e Newman (2001)

⁸ idem

No ano de 2000, os dados do Censo mostravam que 59,0% dos jovens cariocas do sexo masculino, entre 15 e 19 anos (filhos de chefes de família), estavam somente estudando, 20,4% estudavam e trabalhavam (ou procuravam emprego); 12,6% somente trabalhavam (ou procuravam emprego); e 7,9% não estudavam nem trabalhavam (ou procuravam emprego).

A definição do limite inferior da faixa de idade, 15 anos, decorre da obrigatoriedade de matrícula na escola de crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. A inclusão de jovens abaixo deste limite dificultaria a interpretação dos dados. Além disso, como demonstrado por Hasenbalg (2003), é a partir desta faixa que aumenta consideravelmente a proporção de jovens fora da escola e/ou no mercado de trabalho. O limite superior, de 19 anos, justifica-se por ser esta a idade na qual os indivíduos devem estar completando o ensino médio e seu processo de autonomização de *status*. Por sua vez, incluir faixas de idade mais elevadas, de até 25 anos, por exemplo, tornaria a análise mais complicada já que envolveria também o processo de transição entre a escola e a faculdade. Assim, o intervalo de 15 a 19 anos, também utilizado por Corseuil e Santos (2001), abarca todos aqueles que, se tivessem percorrido o sistema escolar de acordo com o esperado, estariam cursando, ou terminando de cursar, o ensino médio.

Quanto ao sexo, trabalha-se apenas com dados referentes aos indivíduos do sexo masculino, escolha que encontra respaldo na literatura, como mostram Leme e Wajnam (2000), ao sinalizar que rapazes e garotas tendem a alocar seu tempo de formas diferentes. Duncan (1994), igualmente, destaca que as variáveis relativas ao local de moradia influenciam de formas também diferentes os jovens do sexo masculino e feminino no que diz respeito a resultados educacionais.

Assim como o fez Hasenbalg (2003), trabalha-se somente com jovens filhos dos chefes de família. Justifica-se o recorte adotado pelo fato de que os diferentes elementos que envolvem o processo de autonomização do *status* influenciarem-se mutuamente (Oliveira et al.2006). Sair da casa dos pais e/ou tornar-se chefe de família, ou cônjuge do chefe, pode influenciar na decisão de abandonar a escola e/ou entrar no mercado de trabalho, o que tornaria a análise dos dados um tanto mais complicada. Como a presente análise focaliza especificamente a transição entre a escola e o mercado de trabalho, (e não o processo de

formação de uma nova família independente), optou-se por retirar os casos referidos à formação de novas famílias.

Para viabilizar a pesquisa e indicar algumas respostas utiliza-se uma metodologia quantitativa com base nos microdados amostrais do Censo 2000 (IBGE), que foram analisados através de modelos multinomiais. Devido ao caráter hierárquico dos dados (jovens que moram em “bairros”) utilizamos modelos multi-níveis⁹, que são mais adequados para este tipo de dados.

A *variável dependente* foi construída a partir de informações sobre se o jovem está estudando e também a respeito de sua situação em relação ao mercado de trabalho (se está trabalhando e/ou procurando emprego). Estas informações serão combinadas, e ao final teremos uma variável nominal com as seguintes possibilidades de resposta: o jovem só estuda, o jovem estuda e trabalha (ou procura emprego), o jovem só trabalha (ou procura emprego), e o jovem não estuda nem trabalha (ou procura emprego).

Quanto às *variáveis independentes de controle* (nível 01) incluem-se tanto características individuais (cor e idade) quanto familiares, como “renda domiciliar per capita”, “escolaridade dos pais”, e “número de crianças na família”¹⁰.

As *variáveis independentes de interesse* (nível 02) são aquelas relacionadas às características do local de moradia e do nível socioeconômico de sua população. Procuramos utilizar variáveis que se aproximassem da classificação dos mecanismos proposta por Small e Newman (2001). Nesse sentido, buscando uma aproximação com os mecanismos de socialização bairral, utiliza-se um “índice de nível socioeconômico do local”, composto pela média da renda domiciliar per capita na área e pela média dos anos de escolaridade dos chefes de família no local.¹¹ Já a distância em relação ao centro da cidade¹², em quilômetros, é a variável *proxy* dos mecanismos instrumentais de Small e Newman (2001).

Uma terceira variável, ausente na literatura internacional sobre o tema, mas com muita presença nos trabalhos nacionais - principalmente, naqueles referentes ao território do

⁹ Sobre estes modelos, ver Bryk e Raudenbush (1992).

¹⁰ Tratam-se das variáveis que se mostraram importantes segundo trabalhos quantitativos anteriores (Corseuil et al (2000); Leme e Wajnman (2000). Variáveis relativas à ocupação dos chefes e às características do domicílio também foram testadas, mas não contribuíram significativamente para o poder explicativo do modelo.

¹¹ As duas variáveis foram padronizadas (subtraindo-se a média e dividindo-se pelo desvio-padrão), somadas, e o resultado dividido por 2. Posteriormente os valores foram colocados em uma escala de 0 à 5.

¹² Trata-se da distância (em KM) entre o centro da AED onde o indivíduo mora e o cruzamento entre a Avenida Presidente

Estado do Rio de Janeiro¹³ - é a distinção entre áreas de favela e de “bairro”. Como mostra Machado (2002), a relação que as favelas mantêm com o restante da cidade é de certa forma hierarquizada, além de bastante particular, do mesmo modo que são peculiares suas principais instituições. Dessa forma, julgou-se adequado inserir também no modelo, uma variável *dummy* responsável por verificar os efeitos que o fato do jovem morar em uma área de favela¹⁴ pode ter sobre sua situação entre a escola e o mercado de trabalho.

Segue abaixo a descrição das variáveis:

Tabela 01 – Resumo das Variáveis

Variáveis	Tipo	Descrição	Média	Desvio-Padrão
Variável Dependente				
Situação	Nominal	Indica se o jovem está somente estudando (categoria de base), estudando e trabalhando, só trabalhando, ou não estudando nem trabalhando	_____	_____
Variáveis Independentes de Controle (Nível 01)				
Idade	Contínua	Idade, em anos, do jovem	17,01	1,4
Cor	Dicotômica	Indica se o jovem é pardo ou negro (1=Sim / 0=c.c)	0,43	_____
Escolaridade Família	Contínua	Maior escolaridade, em anos, dos responsáveis	9,13	4,47
Renda Dom. Per capita	Contínua	Renda domiciliar per capita, menos a renda do trabalho do jovem (quando houver)	451,53	688,13
Núm. Crianças	Contínua	Número de crianças menores de 8 anos de idade no domicílio	0,26	0,61
Variáveis Independentes de Interesse (Nível 02)				
NSE do local	Contínua	Índice composto pela média dos anos de escolaridade dos chefes de família (ou conjugês) e da renda domiciliar per capita média na AED de moradia do jovem. (Varia de 0 a 5)	1,34	1,07
Distância	Contínua	Distância (em Km) do centro da AED onde o jovem reside, para o cruzamento entre a AV. Pres. Vargas e a Av. Rio Branco (Centro da Cidade)	18,28	12,42
Favela	Dicotômica	Indica se o local de moradia do jovem é uma área de favela (1=Sim / 0=c.c)	0,12	_____

Vargas e a Avenida Rio Branco, ambas localizadas no centro da cidade do Rio de Janeiro.

¹³ Ver Ribeiro, Alves e Franco (2008).

¹⁴ Consideramos a categoria estatística do IBGE “aglomerado subnormal” como *proxy* das favelas.

Estas informações sobre o local de moradia foram agregadas por Área IPPUR¹⁵ e não pelas AEDs originais do IBGE, devido ao caráter fragmentado da segregação socioespacial em algumas áreas do município do Rio de Janeiro.

Dessa forma, poderemos averiguar se as características do local de moradia são responsáveis por uma maior chance dos jovens se encontrarem em uma ou outra das quatro situações previstas pela variável dependente, mesmo mantendo-se constantes as características individuais e familiares.

O modelo de análise: alguns esclarecimentos e primeiros resultados

Três diferentes modelos foram rodados para viabilizar a análise.¹⁶ No primeiro, chamado de nulo, não se incluem nem variáveis do nível 01, nem variáveis do nível 02. No segundo, incluem-se as variáveis de controle, nível 01, referentes às características individuais, familiares e domiciliares dos jovens. No caso do terceiro modelo foram incluídas também as variáveis de nível 02, referentes ao território¹⁷.

Vale lembrar que, por se tratar de uma análise multinomial com quatro categorias, tem-se três parâmetros estimados para cada variável. As razões de chance calculadas, por sua vez, fornecem a variação das chances relativas de o jovem estar, por exemplo, estudando e trabalhando, em relação a estar só estudando¹⁸, ou de estar só trabalhando em relação a estar só estudando, ou, por fim, de não estar nem trabalhando nem estudando, em relação a estar só estudando.

¹⁵ As unidades espaciais que serviram de base para construirmos as variáveis relativas ao local de moradia foram as AEDs (Áreas de Ponderação), que são as únicas referências geográficas intramunicipais fornecidas pelos microdados amostrais do Censo 2000 (IBGE), e correspondem a aglomerados de setores censitários. No entanto, devido às peculiaridades geográficas da cidade do Rio de Janeiro, onde temos dentro de uma mesma AED, áreas favelizadas e não favelizadas, optamos por fazer uso das “Áreas IPPUR”: trata-se de uma definição modificada destas áreas de ponderação, proposta pelo Observatório das Metrópoles e validada pelo Departamento de Pesquisa do IBGE. As mesmas foram operacionalizadas por meio do relaxamento da exigência de contiguidade dos setores censitários que formam as áreas de ponderação modificadas. Os setores censitários considerados subnormais (áreas de favelas) foram agrupados em 39 unidades específicas, obedecendo-se, porém, os limites dos bairros e das regiões administrativas da Prefeitura.

¹⁶ Os modelos encontram-se em anexo.

¹⁷ Estas variáveis são incluídas no intercepto.

¹⁸ A categoria “só estuda” foi escolhida como categoria de referência. Tal decisão foi tomada para que a análise dos dados ficasse mais clara e fácil de interpretar, já que a literatura especializada supõe, mesmo que implicitamente, que a trajetória ideal é aquela do jovem que termina seus estudos, sem antes de ingressar no mercado de trabalho. Assim, a categoria “só estuda” é tomada como referência para analisar as outras. No entanto, os gráficos com as probabilidades preditas seriam os mesmos, independente da categoria de referência escolhida.

Ainda assim, seria preciso expor todas as razões de chance possíveis (mesmo aquelas que não estão explícitas no quadro em anexo), para melhor entendimento dos resultados, o que tornaria a análise um tanto quanto trabalhosa e de difícil interpretação.

Uma forma interessante de contornar este problema, e apresentar os resultados de modo mais claro, é por meios das probabilidades previstas pelo modelo, apresentadas através de gráficos. Mais especificamente, foram elaborados três gráficos, correspondentes ao efeito de cada uma das variáveis de nosso interesse (nível 02). Para tanto, todas as outras variáveis do modelo foram fixadas em suas respectivas médias, e fizemos a variável de interesse variar entre seu valor mínimo e seu valor máximo.

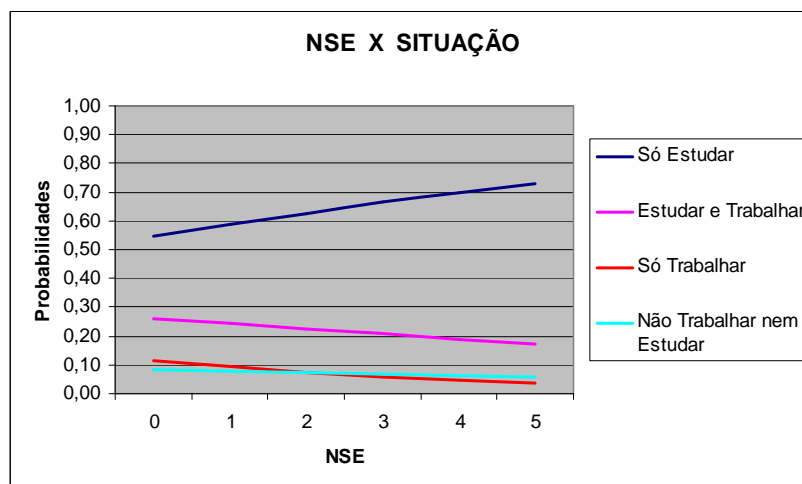
Algumas observações sobre os modelos estimados antecedem a apresentação dos gráficos. Em primeiro lugar, destaca-se que os resultados obtidos indicam um grande poder de explicação das variáveis individuais e familiares, maior do que as variáveis do nível 2, informação já era esperada, pois vem ao encontro dos resultados já produzidos pela literatura: as características da família exercem maior influência sobre os indivíduos do que o território. Entretanto, é preciso levar em conta a segunda observação, quando se mostra que a variação dos interceptos entre as unidades de nível 2 (AEDs) no modelo 0 é significativa, e se mantém significativa mesmo quando inserimos as variáveis do nível 01, o que justifica o interesse de inserir na análise as informações do território. Por fim, a terceira observação refere-se ao fato de que as variáveis do nível 2, território, explicam bastante da variação não explicada pelas variáveis individuais e familiares.

Quanto aos parâmetros, alguns resultados devem ser explicitados: controlando por todas as outras variáveis, o Nível Sócio Econômico do local diminui significativamente as chances dos jovens se encontrarem em qualquer uma das outras três categorias, em relação à categoria "Só Estudar"; a distância para o centro da cidade diminui significativamente as chances do jovem "Estudar e Trabalhar" em relação à "Só estudar"; e, por fim, o fato de o jovem morar em favela aumenta significativamente suas chances de "Não Estudar Nem Trabalhar" em relação à "Só Trabalhar".

Esclarecidos estes pontos, seguem os gráficos com as probabilidades previstas.

No Gráfico 1 é possível verificar o efeito do nível socioeconômico do local de moradia sobre as probabilidades previstas (controlando por todas as outras variáveis, individuais, familiares, e do próprio local de moradia)

GRÁFICO 01



Constata-se que quanto maior o nível socioeconômico do local de moradia, maior a probabilidade de o jovem só estudar, e menor sua probabilidade de estar em qualquer uma das três outras categorias (os efeitos são um pouco menores sobre as probabilidades de não trabalhar nem estudar).

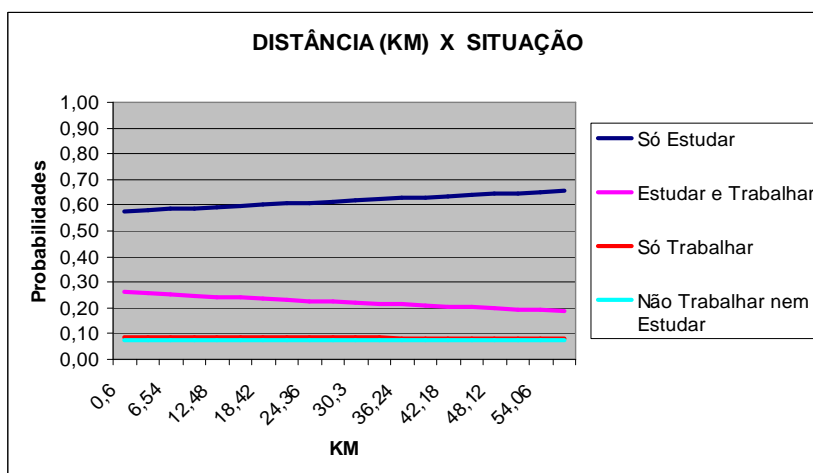
Tais resultados coadunam-se com aqueles encontrados na literatura e permitem trazer para a análise a questão dos mecanismos de vizinhança. Se aqueles que vivem em locais onde a população apresenta um melhor nível socioeconômico tendem a prolongar sua permanência na escola e adiar sua entrada no mercado de trabalho, pode-se falar da influência positiva do mecanismo de *socialização no bairro* (as características do bairro condicionariam os hábitos, valores e atitudes de seus moradores) sobre as decisões dos jovens. Esse mecanismo atuaria seja através dos modelos de papéis sociais (“role models”), seja por meio da influência dos pares (“peer effects”).

Deste modo, como resultado da atuação desses mecanismos, os jovens que vivem em locais com bom nível socioeconômico tendem a prolongar sua permanência na escola e adiar sua entrada no mercado de trabalho. Quanto menor o nível socioeconômico do local,

maior a probabilidade desse jovem abandonar a escola e/ou entrar no mercado de trabalho. Em contrapartida, quanto menor o nível socioeconômico do local, maior a probabilidade desse jovem abandonar a escola e/ou entrar no mercado de trabalho.

O Gráfico 2 mostra o efeito da distância do centro da AED de moradia do jovem em relação ao centro da cidade, sobre as probabilidades previstas:

GRÁFICO 2



Pode-se perceber que quanto maior a distância em relação ao centro da cidade, maior também a probabilidade de o jovem só estudar, e menor sua probabilidade de estudar e trabalhar ao mesmo tempo. No entanto, suas probabilidades de só trabalhar e de não estudar nem trabalhar permanecem praticamente constantes, e quase não são influenciadas pela distância em relação ao centro da cidade.

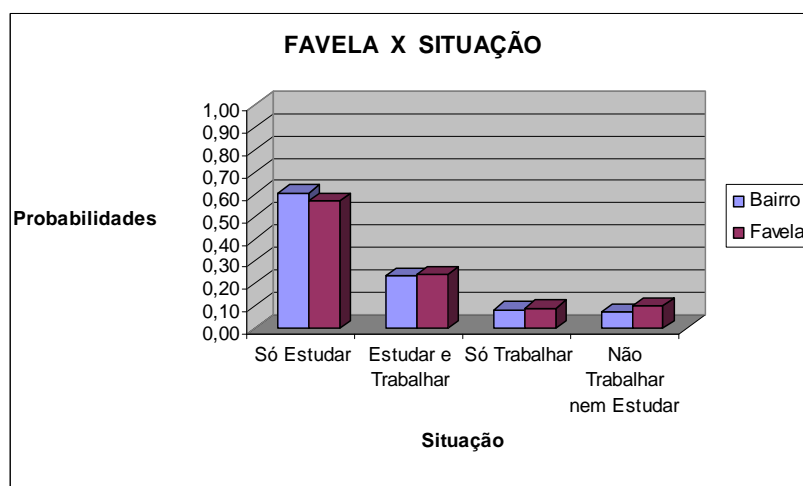
Tal resultado indica a influência da localização espacial de moradia dos jovens sobre suas decisões. Jovens que residem mais próximo do centro têm maior probabilidade de estudar e trabalhar do que aqueles jovens residentes em locais mais afastados, que acabam só estudando. Isso poderia sugerir que a proximidade com o mercado de trabalho (concentrado no centro da cidade) pode exercer um forte poder de atração sobre os jovens, levando muitos deles a conjugarem estudo com trabalho. No entanto, se este fosse o caso, também esperaríamos um aumento nas probabilidades de os jovens só trabalharem quando residentes mais próximo do centro da cidade.

Outra explicação possível seria o tempo de deslocamento gasto diariamente pelos jovens residentes longe do centro para chegar ao trabalho. As horas envolvidas nesse deslocamento dificultariam, ou mesmo inviabilizariam a divisão de seu tempo entre a escola e o mercado de trabalho. Como as escolas apresentam uma distribuição territorial mais homogênea (sem entrar no mérito da qualidade dessas escolas) do que o mercado de trabalho, estes jovens, impossibilitados de dividir seu tempo entre estudo, trabalho e longos deslocamentos diários, optariam por só estudar. Já quanto àqueles jovens que só trabalham, como não têm de dividir seu tempo entre duas atividades, acabam despendendo várias horas diárias no deslocamento entre o local de moradia e o trabalho.

Essa explicação parece apontar para o modo como os mecanismos instrumentais descritos por Small e Newman (2001), expressos pela distância em relação ao centro da cidade, afetam as probabilidades de os jovens estudarem e trabalharem ao mesmo tempo, fazendo com que um número menor de jovens possa conciliar escola e trabalho.

O Gráfico 3, abaixo, relaciona a variável “favela” com as probabilidades previstas pelo modelo:

GRÁFICO 3



O gráfico revela que o fato de o jovem morar em favela não altera muito suas probabilidades. No entanto, mesmo quando controlamos pelas características individuais (como a cor), familiares, (como a renda domiciliar e escolaridade dos pais), e também pelas características do território (nível sócio econômico e distância para o centro da cidade), o fato

de um jovem morar em área de favela diminui sua probabilidade de estar só estudando e aumenta a probabilidade de não estar estudando nem trabalhando.

Esse resultado pode estar relacionado a diversos fatores, dentre eles: estigma em relação aos moradores de favela, a possibilidade de menor valorização do estudo e do trabalho nesses espaços, ou mesmo o poder de atração do tráfico de drogas sobre estes jovens. Porém, os dados obtidos até o momento não permitem afirmar, com alguma precisão, o motivo pelo qual os jovens moradores de favela apresentam uma maior probabilidade de não estudar nem trabalhar, e por isso procura-se evitar o risco de conclusões apressadas.

No entanto, acredita-se que o resultado seja bastante revelador da relação particular que os moradores dessas áreas apresentam com algumas das principais instituições da sociedade, como o sistema escolar e o mercado de trabalho. Ainda que não estejam claros os mecanismos atuantes sobre o fato do jovem morador em favela apresentar maior chance de não estudar nem trabalhar, tal resultado talvez possa expressar a relação particular, hierarquizada, que esses indivíduos têm com essas instituições, independente do nível sócio econômico do local onde moram, e de suas características individuais e familiares.

Considerações Finais

Na análise dos fatores que determinam a escolha dos jovens entre estudar, trabalhar, exercer ambas as atividades, ou nenhuma delas, buscou-se ampliar as abordagens anteriores incorporando à análise a dimensão do território. Esse enfoque marca uma linha de pensamento que associa os fatores relativos à organização social do território às oportunidades educacionais. Busca-se, assim, contribuir para o debate sobre concentração espacial da pobreza e desigualdades de oportunidades educativas ou, em termos mais amplos, às reflexões que associam “cidade” e “escola”.

O principal mérito desse enfoque deve-se à inclusão de novas variáveis de análise que podem clarificar melhor a relação entre a localização da escola e dos alunos no território e identificar possíveis obstáculos originários do lugar de moradia que conduzam a desigualdades de oportunidades educativas.

Essa busca, apesar do seu caráter ainda exploratório, indica a importância da consideração da dimensão espacial na elaboração das políticas públicas para a educação. A presente discussão pautou-se pela procura das possíveis relações entre a organização social do espaço urbano e o funcionamento das instituições escolares e do mercado de trabalho, no caso específico de jovens cariocas do sexo de 15 a 19 anos. Dessa forma, o espaço passa ser analisado como um possível fator interveniente na definição de trajetórias escolares e profissionais.

Primeiramente, deve-se destacar que mesmo controlando diversas variáveis individuais e familiares, as variáveis ligadas ao local de moradia influenciam significativamente a variável dependente. Em segundo lugar, pode-se notar que fatores mais ligados aos mecanismos da socialização no “bairro”, como descritos por Small e Newman (2001), operacionalizados através do índice do Nível Sócio Econômico do local, comportaram-se de acordo com o esperado, aumentando a probabilidade de o jovem só estudar, e diminuindo sua probabilidade de interromper os estudos e/ou entrar no mercado de trabalho. Em terceiro lugar, observa-se que mecanismos mais ligados a fatores instrumentais (Small e Newman, 2001), como a distância em relação ao centro da cidade, também se mostraram importantes, e revelaram que a proximidade com o mercado de trabalho pode ser, sob certo ponto de vista, deletéria no caso dos jovens, levando à divisão de seu tempo entre estudo e trabalho. Por fim, os dados também evidenciaram que, apesar de pequenos, os efeitos de o jovem morar em favela sobre nossa variável dependente são significativos, diminuindo sua probabilidade de só estudar e aumentando a probabilidade de não estudar nem trabalhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M.L e SANT'ANNA, M.J.G. (2009). As classes populares e a valorização da educação no Brasil. Publicação do Observatório das Metrópoles/ IPPUR PRELO

BRYK AS, RAUDENBUSH SW. (1992) Hierarchical linear models: applications and data analysis methods. Newbury Park, Calif.: Sage.

- CLARK, R. (1992) Neighborhood Effects on Dropping Out of School among Teenage Boys.
- CRANE, J. (1991) The Epidemic Theory of Guettos and neighborhood Effects on Dropping Out and Teenage Childbearing. In: American Journal of Sociology. Nº: 96. p. 1126 – 59.
- DAUSTER, T. (1992). Uma Infância de Curta Duração: trabalho e escola. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº 82, 31-36.
- DONZELOT, J. (2004). « La ville a trois vitesses : gentrification, relégation, péri-urbanisation», Esprit, Mars-Avril
- DUBET, F. (2004). O que é uma escola justa? *Cadernos de Pesquisa*. vol.34 no.123 São Paulo Sept./Dec
- DUNCAN, G. J. (1994) Families and Neighbors as Sources of Disadvantages in the Schooling Decisions of White and Black Adolescents. In: American Journal of Education. Nº: 103. Universidade de Chicago. Novembro. p.20-53
- FORQUIN, J.-C. (1995). A sociologia das desigualdades de acesso à educação: principais orientações, principais resultados desde 1965. In: _____. (Ed.). Sociologia da educação: dez anos de pesquisas. Petrópolis: Vozes, p.19-78.
- FONSECA, Cláudia, (1994). Preparando-se para a vida: reflexões sobre escola e adolescência em grupos populares. Em Aberto. Brasília: INEP, (61):144-155.
- GALSTER, C, G. KILLEN, P, S. (1995). The Geography of Metropolitan Opportunity: a Reconnaissance and Conceptual Framework. In: Housing Policy Debate. Vol 6, Issue 1.
- GARNER. L. C, and RAUDENBUSH, W. S. (1991). Neighborhood Effects on Educational Attainment: A Multilevel Analysis. In: Sociology of Education, October, Vol. 64, p. 251-262.
- GOMES, Jerusa Vieira. (1997). Jovens Urbanos Pobres: Anotações Sobre Escolaridade e Emprego. Revista Brasileira de Educação. Nº 5/6.
- HASENBALG, C. (2003). A Transição da Escola ao Mercado de Trabalho. In: _____ e SILVA, V. N. (orgs.) Origens e Destinos: Desigualdades Sociais ao Longo da Vida.
- LACHTIM, S.A e SOARES, C. (2009). Trabalho de jovens estudantes de uma escola pública: fortalecimento ou desgaste?. Rev. Bras. Efermagem, vol.62, n.2, pp. 179-186.
- MADEIRA, Felícia Reicher. (1986). Os Jovens e As Mudanças Estruturais na Década de 70: Questionando Pressupostos e Sugerindo Pistas. Cadernos de Pesquisa, São Paulo (58): 14-48.
- RIBEIRO, L. C. Q. e KAZTMAN, R. 2008 (orgs). A Cidade Contra a Escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina. 1ª Edição. Rio de Janeiro/RJ. Letra Capital

_____ e SANT'ANNA. (2006) "Testando os "efeito vizinhança" e "efeito escola" na explicação dos diferenciais de desempenho escolar" 30º Encontro Anual da ANPOCS; 24 a 28 de outubro de 2006, Caxambu

SANSONE, Lívio. (2003). Jovens e Oportunidades: as mudanças na década de 1990 – variações por cor e classe. In: Hasenbalg, C.; Silva, N. V. Origens e Destinos. Desigualdades Sociais ao Longo da Vida. Rio de Janeiro: Topbooks, pp. 147-172.

SANT'ANNA, M.J.G.(2009). papel do território na configuração das oportunidades educativas: efeito escola e efeito vizinhança In: Carneiro, Sandra Maria de Sá (org.). Cidade: olhares e trajetórias. Rio de Janeiro: Garamond, 2009 Prelo.

SHAVIT, Y. & MÜLLER, W. (1998). From School to Work. A Comparative Study of Qualification and Occupations in Thirteen Countries. Oxford: Oxford University Press.

SPÓSITO, M. P.(1992). Jovens e Educação: novas dimensões da exclusão. Em Aberto, Brasília, ano 11, nº 56.

_____.(1994). A Sociabilidade Juvenil e a rua: Novos Conflitos e Ação Coletiva na Cidade. Revista de Sociologia. USP, S. Paulo, 5(1-2): 161-178.

TORRES, H. FERREIRA, P, M. GOMES, S. (2005) Educação e Segregação Social: explorando o efeito das relações de vizinhança. In: MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo (orgs.) São Paulo: Segregação, pobreza e desigualdades Sociais, São Paulo/SP, Senac, p. 123-141.

VAN ZANTEN A .(2001) L'école de la périphérie, Paris, PUF,.

WILSON, W. J.(1987). The truly disadvantaged: The inner city, the underclass, and public policy. Chicago: University of Chicago Press.

Anexo

Modelos Estimados

Variáveis	Modelo 0	Modelo 1	Modelo 2
1-) NÃO TRABALHAR NEM ESTUDAR X SÓ ESTUDAR			
Nível 1			
Idade	---	1,83***	1,84***
Cor	---	1,10+	1,07
Escolaridade Família	---	0,87***	0,88***
Renda Dom. Percapta	---	0,99**	0,99+
N Crianças	---	1,39***	1,37***
Nível 2 (Intercepto)			
NSE do local	---	---	0,88*
Favela	---	---	1,46***
Distância do centro (KM)	---	---	0,99
2-) SÓ TRABALHAR X SÓ ESTUDAR			
Nível 1			
Idade	---	2,94***	2,96***
Cor	---	1,20***	1,14**
Escolaridade Família	---	0,86***	0,87***
Renda Dom. Percapta	---	0,99***	0,99***
N Crianças	---	1,32***	1,31***
Nível 2 (Intercepto)			
NSE do local	---	---	0,75***
Favela	---	---	1,14
Distância do centro (KM)	---	---	0,99
3-) ESTUDAR E TRABALHAR X SÓ ESTUDAR			
Nível 1			
Idade	---	1,77***	1,77***
Cor	---	1,15***	1,14***
Escolaridade Família	---	0,92***	0,92***
Renda Dom. Percapta	---	0,99***	0,99***
N Crianças	---	1,20***	1,16***
Nível 2 (Intercepto)			
NSE do local	---	---	0,86***
Favela	---	---	1,09
Distância do centro (KM)	---	---	0,99***
Varição B0 (1)	0,33351	0,07107	0,03501
Qui-Quadrado	619,09912	301,18793	250,87524
DF	203	203	200
p	0,000	0,000	0,009
Varição B0 (2)	0,42362	0,06817	0,03665
Qui-Quadrado	1068,98018	342,11233	278,78162
DF	203	203	200
p	0,000	0,000	0,000
Varição B0 (3)	0,12066	0,03443	0,01817
Qui-Quadrado	550,34592	308,93653	254,64261
DF	203	203	200
p	0,000	0,000	0,006

Nota: + $p \leq 0,10$; * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$; *** $p \leq 0,001$